ESTRANGEIROS NO BRASIL

Ana Paula Cavalcanti Simioni

Fernanda Peixoto Massi: Estrangeiros no Brasil: a Missão Francesa na Universidade de São Paulo, Campinas, 1990, dissertação de mestrado defendida no Departamento de Antropologia da Unicamp. Mimeo.

"Estrangeiros no Brasil" faz parte de um conjunto de trabalhos que vem surgindo nas Ciências Sociais, cujo principal objetivo é reconstituir sua história e analisá-la, de forma a informar e situar os pesquisadores destas áreas, bem como levá-los a compreender sua própria formação. Pode-se dizer que resulta do cruzamento de um tipo de história cuja perspectiva dominante é institucional (História das Ciências Sociais -IDESP), com uma perspectiva mais interpretativa, que visa analisar as idéias e imagens que construíram a antropologia no Brasil (História da Antropologia no Brasil-Unicamp).

Se o objetivo do trabalho já o torna interessante para os estudantes e pesquisadores de ciências sociais, a maneira como a autora o executa, mesclando perspectivas diversas, aumenta este interesse ao acrescentar uma metodologia própria, inovadora. A especificidade da dissertação está também na forma com que pretende interpretar a estadia dos professores estrangeiros na Universidade de São Paulo; não apenas do ponto de vista de sua contribuição para a criação das disciplinas e de profissionais nos ramos, mas, sobretudo, da relevância da experiência brasileira para a formação dos próprios intelectuais estrangeiros, ou seja, o impacto da viagem ao Brasil em suas carreiras.

A dissertação está dividida em duas partes. A primeira constitui um grande panorama no qual os nomes e períodos de permanência dos professores estrangeiros que aqui estiveram são elencados. O eixo que estrutura as diversas formas de integração destes intelectuais no Brasil é a oposição entre docência e pesquisa, em que os franceses figuram na primeira e os norte-americanos na segunda. Esta oposição resulta de formas distintas da relação entre Brasil e França, por um lado, e Brasil e Estados Unidos, por outro. No primeiro caso há um interesse de dupla mão, em que a inserção dos estrangeiros via docência é fruto do apetite da elite local em "ilustrar-se" e "modernizar-se", somado ao interesse francês de "conquistar a América", que tem como pressuposto uma certa forma de missão civilizatória. No segundo caso, o Brasil é visto como um objeto estimulante, um rico campo para pesquisar e que, por isso, pode levar à profissionalização de vários norteamericanos que para cá vinham exercer sua principal atividade: a pesquisa empírica.

Tais formas de contato não apenas determinam as maneiras como os estrangeiros vão se inserir no Brasil, mas também são exemplos da relação entre centro e periferia. O objetivo de Fernanda, porém, é o de entender, em primeiro lugar, a opção que o Brasil representava para estes estrangeiros e, posteriormente, o de dimensionar o lugar ocupado pelo país nestes itinerários; com isto a relação entre centro e periferia é abandonada enquanto objeto de análise. Com relação às distintas maneiras de inserção de franceses e norteamericanos, a opção dos primeiros pela docência os leva a um período maior de permanência no Brasil, o que lhes interessava porque a viagem a este "curioso" país assinalava a possibilidade de especialização temática que almejavam. Já os norte-americanos que aqui chegam, recortam o país de acordo com seus objetos de estudos e os levam na bagagem. Os franceses são, portanto, heróis civilizadores que mantém bons contatos a elite local. Os norte-americanos pesquisadores vistos com desconfiança pelos já formados especialistas brasileiros. 1 Os primeiros são os mestres formadores das das embrionárias gerações de especialistas em ciências humanas e filosofia, ao passo que os segundos têm um papel importante no que se refere à introdução da pesquisa empírica como método científico.

A segunda parte da dissertação pretende analisar as viagens particulares de alguns dos "jovens" franceses que chegaram ao Brasil: Claude Lévi-Strauss, Fernand Braudel e Pierre Monbeig. Através deste trabalho percebe-se que a missão francesa era heterogênea e,

^{1.} Cabe lembrar que os franceses vieram para o Brasil no período que compreende os anos 30, 40 e 50, momento em que a universidade está sendo construída e que, portanto, são eles os formadores das primeiras gerações de especialistas universitários. Já os norte-americanos chegam ao Brasil nos anos 50 e 60, momento em que já existem especialistas brasileiros, que vão recebê-los com certa desconfiança, como rivais em suas profissões.

mais que isto, que tal viagem teve um impacto diferenciado para cada um deles. Mas, para além das divergências há uma experiência que os unifica: a viagem, iniciática, formadora, destes então jovens em começo de carreira. Neste segundo momento, a autora se dedicará a compreender o significado desta viagem no itinerário intelectual de cada um destes três autores através de uma dupla leitura: uma leitura "de fora" que busca nos mapas, datas e roteiros as suas causas e consequências, e uma "de dentro", através da análise das narrativas, espécie de análise literária, em que capta o que o autor experimentou subjetivamente e que sua memória insistiu em registrar.

O primeiro capítulo desta segunda parte, é inteiramente dedicado à Claude Lévi-Strauss, à sua viagem tal como foi vivida e, posteriormente, tal como é narrada em "Tristes Trópicos". A vinda do então professor de filosofia ao Brasil lhe possibilitava concretizar o desejo de especializar-se em etnologia, uma vez que, o circuito etnológico francês neste período, tal como Fernanda o descreve, exigia que os interessados neste tipo de investigação ou assistissem os cursos de Marcel Mauss ou tivessem um trabalho de campo, apenas possível com viagens que viabilizassem o acesso ao "outro". Desta forma, a vinda ao Brasil foi fundamental para a construção de sua futura identidade profissional e de seu ingresso num universo até então fechado: o dos americanistas. Pode-se dizer, portanto, que neste momento o Brasil importa mais para Lévi-Strauss do que o inverso, uma vez que sua influência será sentida posteriormente, com o estruturalismo nos anos 60. Já a viagem relatada, em que a autora pretende apreender na narrativa, o próprio narrador, deixa transparecer uma determinada visão do Brasil, a de um país decaído e, graças a isto, triste. É essa decepção com a realidade que será interpretada, e que já se percebe no título "Tristes Trópicos".

O capítulo seguinte tem como objeto a compreensão da comunhão entre França e Brasil no caso da história, utilizando a geografia como parâmetro comparativo. A vinda dos professores franceses não garantiu, no caso da história, a supremacia do grupo vinculado aos "Annales". A estadia de Fernand Braudel não impediu que outras tendências, tais como o marxismo ou a história que se fazia nos Institutos Históricos e Geográficos, constinuassem com grande número de adeptos. Mais uma vez, a experiência brasileira construiu um determinado tipo de conhecimento e especialização para os franceses, e não o inverso. Mas, já o caso da geografia é bem distinto. A vinda de P.Monbeig foi decisiva para a criação das primeiras gerações de profissionais nesta área e, não apenas isto, mas a passagem prolongada do geógrafo pelo país fez deste seu principal foco de interesses e estudos até o final de sua vida.

Para cada um destes estrangeiros a viagem ao Brasil significou uma experiência fundamental. Seja como fomentadora de identidades profissionais, seja como um rico campo de experiências cujas obras, escritas posteriormente, muito devem. A análise da autora neste ponto é não apenas convincente mas também instigante, quanto mais para aqueles que costumam pensar a nossa atual formação como filha direta (e às vezes até predileta) da universidade francesa.

Mas o trabalho de Fernanda Massi não se resume a tais feitos. Nele vemos surgir uma reflexão séria sobre o significado da viagem para a antropologia, em que essa é o que possibilita a execução da própria profissão, já que é seu instrumento privilegiado de acesso ao "outro". Por vezes, culmina em belas narrativas de, e sobre viagem, como em "Tristes Trópicos", em que a viagem sonhada e a vivida se contrapõem, em que a alteridade, o estranhamento e a memória se confundem, trazendo através da análise, o narrador obscurecido pela narrativa. Com este exemplo se encerra a dissertação, fazendo-nos ver que o estranhamento do etnólogo, como Lévi-Strauss deixa transparecer, se dá muito mais em relação a si mesmo que ao mundo circundante.

Indícios de uma teoria da relação entre narrar, viajar e estranhar são fornecidos, embora não cheguem a construir uma reflexão acabada. No final, percebe-se que foi uma sugestão, bela, interessante, mas que se perdeu e que mereceria mais análise. Embora sintamos esta ausência, a dissertação muito acrescenta àqueles que se interessam pela história das ciências sociais, ou, mais precisamente, por uma história da antropologia no Brasil. E, para quem preferir, é ainda possível a leitura do Brasil nos franceses, como impacto, formação, objeto, experiência, decepção e (por que não?) como viagem.